Notas sobre o "diário de guerra de joão guimarães ros**A**" 1

Jaime Ginzburg* Universidade de São Paulo

RESUMO

Ainda inédito, o "Diário de guerra de Guimarães Rosa" se refere ao período em que o escritor viveu em Hamburgo o impacto da Segunda Guerra Mundial. Este artigo parte de uma pesquisa de pós-doutoramento realizada na UFMG e procura examinar alguns elementos do "Diário", considerando o contexto delimitado pelo nazismo.

PALAVRAS-CHAVE

Diário, guerra, violência, Guimarães Rosa

É próprio de um diário uma ambiguidade constitutiva, que cria uma dificuldade para sua interpretação. Por um lado, ele pede uma leitura de conjunto, considerada a unidade do material apresentado; por outro, tendo em conta o processo de sua elaboração, podemos priorizar sua inclinação para registrar, passo a passo, o que acontece no decorrer do tempo, e, nesse sentido, atentar à sua fragmentação interna. Cada dia registrado é único em sua especificidade e singularidade.

As dificuldades, no caso do "Diário de guerra de João Guimarães Rosa", não se restringem a essa ambiguidade. No entanto, ela é muito importante e merece um comentário. Se esse material obedece a algum tipo de planejamento cuidadoso, com princípios de estruturação, ou se o acaso é o fator que decide o que vai, a cada momento, levar Rosa às soluções de linguagem escolhidas, são hipóteses que a leitura do material não permite esclarecer de modo conclusivo. Para a interpretação, mesmo assim, o trabalho exige que se leve em conta tanto o "Diário" no seu conjunto, como em sua fragmentação interna. Cabe perguntar se é apropriado se referir a esse material falando em uma unidade formal do "Diário".

^{*} j.ginzburg@terra.com.br.

¹ Este artigo apresenta elementos integrantes do relatório de pós-doutorado apresentado em abril de 2010 ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, referente ao projeto "Violência e forma", supervisionado, com respeito, excelência e confiança, pelo Prof. Dr. Wander Melo Miranda. O estudo do "Diário de guerra" foi realizado junto ao Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Agradeço aos pesquisadores responsáveis, Prof. Dr. Georg Otte, Prof. Dr. Reinaldo Marques e Profa. Dra. Eneida Maria de Souza, pelo amplo apoio em várias etapas da pesquisa e pela sua imensa generosidade. Aos Professores Otte e Marques, pela leitura de um esboço inicial deste texto, com excelentes observações.

Reinaldo Marques caracterizou de modo preciso a diversidade interna do material que o constitui:

Na sua composição, o "diário alemão" de Guimarães Rosa engloba uma diversidade de registros e escritas: citações de textos, de livros, com observações de leitura; relação de palavras de diversas línguas, ressaltando-se ora seus significados, ora seus significantes, à maneira de verbetes de dicionários; relatório de despesas, com inscrição de contas; lista de livros na estante, de temperos da culinária alemã; roteiros de viagens diplomáticas; convites para compromissos consulares; relatos de visitas ao zoológico, com observações sobre os animais, e de idas a teatros e restaurantes; descrições da paisagem, do clima; registro de fatos ligados ao desenrolar da guerra; comentários de leitura de jornais, com críticas às medidas dos nazistas relativas aos judeus etc. Tudo isso entremeado de esboços de poemas, fragmentos de estórias, registros de anedotas, indicando-se o teor pré-redacional ou redacional de algumas passagens.²

A idéia de um "Diário de guerra" poderia apontar, em princípio, para tradições militaristas. Coronéis e generais condecorados apresentando narrações de suas conquistas em guerra, com ênfase em suas habilidades estratégicas e seus recursos de confronto implacável. Isto é, um "Diário" de feitos de guerra.

É o caso do volume típico "Diário de guerra de um piloto de caça", do militar Roberto Pessoa Ramos, em sua Campanha na Itália, em 1944 e 1945, disponibilizado na internet.³ Estruturado como sequência de anotações indicadas por data, apresenta os episódios de destruição de alemães da perspectiva do orgulho e da vitória. Combina recursos verbais e visuais, com fotos de homens sorridentes, militares posando em frente a aeronaves e medalhas. Além de mapas com propósito didático e uma bandeira do Brasil.

No caso do "Diário de guerra de um piloto de caça", não há dúvidas de que há unidade retórica e estilística cuidadosa, e que a progressão interna do conjunto propõe um senso de totalidade, pois tudo contribui para um mesmo princípio geral, que consiste em converter o relato em manifestação de um valor afirmativo do indivíduo dentro da equipe, e, para além disso, da presença do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Frases como "minhas bombas e as do Paulo Costa atingiram em cheio uma companhia de infantaria alemã, matando e ferindo grande parte de seus componentes" são nucleares para o efeito de conjunto. Mesmo que Pessoa Ramos tenha escrito um "Diário" dia após dia, a impressão geral é de um documento composto com o objetivo de funcionar estruturalmente como unidade coesa.

João Guimarães Rosa não era um soldado em missão a defender sua pátria, ou interesses nacionais na guerra, mas um membro do Consulado Brasileiro, residindo em Hamburgo. Não cabia a Rosa tomar um fuzil e ir às trincheiras. Mesmo assim, como o "Diário" indica, a guerra estava fisicamente próxima, muito perto, com um forte impacto sobre suas condições de interação com o que ocorria à sua volta.

Não creio que seria viável para Rosa redigir um "Diário" e tomar anotações sobre o que ocorria naquela época, naquele espaço, sem que esse material se tornasse uma

² MARQUES. Grafias de coisas, grafias de vida, p. 328-329.

³ Disponível em: http://www.gentteficaz.com.br/diario.pdf. > Acesso em: 20 fev. 2010.

⁴ À página 8 do arquivo PDF.

espécie de "Diário de guerra". Não como o de Roberto Pessoa Ramos, não com orgulho militar. Não é um diário de proezas, mas de contemplação e reflexão sobre as ações guerreiras de outros, em que é elaborada uma perspectiva crítica com relação ao que ocorre.

O "Diário" permite acompanhar, a partir da perspectiva de uma cidade, Hamburgo, o crescimento da intensidade dos conflitos da Segunda Guerra Mundial no período entre 1939 e 1941. Isso não se dá apenas pela maneira que esperaríamos, e que ali está, que é o reconhecimento da presença da repressão nazista. Na condição de membro do Consulado em Hamburgo, residente na Alemanha, Rosa atua como testemunha de uma cidade alemã sendo atacada pelos militares ingleses.

Não há aqui como ou por que especular, se o autor tivesse estendido seu "Diário" mais longamente, por exemplo, até 1943, se não teria se convencido de que deveria tomar partido contra o nazismo. Em vez de entrar nesse campo especulativo arriscado, é melhor permanecer nos limites da delimitação do texto.

Rosa não era simpatizante do autoritarismo alemão. Porém, um raciocínio político e ideológico esquemático poderia pressupor que, como implicação segura de não estar identificado com o nazismo, o escritor estaria comprometido com a causa de sua eliminação, através do apoio às forças organizadas em torno dos Estados Unidos.

Vamos supor, para efeito de organização da análise, que Rosa tivesse se defrontado com uma necessidade de escolha imediata, diante do avanço dos bombardeios. Como sobreviver em um espaço ocupado tanto pelo nazismo como por ataques ingleses? Primeira opção, respeitar o nazismo, aderir à violência alemã, contra os ingleses. Segunda opção, deixar a cidade, aceitando a violência inglesa, contra os alemães. Não há no "Diário" indicações explícitas de interesse doutrinário por transmitir ou integrar nenhuma das duas escolhas.

A leitura do "Diário" não sugere nem um nacionalismo pró-americano, ou anglófilo, nem um comprometimento geral com um dos lados da guerra. De fato, o "Diário de Guimarães Rosa" aponta para uma crítica da violência de um modo mais abrangente. Essa inclinação se articula com uma inconformidade com a violência da guerra que ultrapassa uma expectativa de propor um debate das eventuais justificações políticas para sua realização, e passa a uma posição avessa à necessidade de atos de violência, independentemente de definições de quaisquer justificativas.

Para elaborar uma interpretação do "Diário", transcreverei e comentararei algumas citações, tentando demonstrar a complexidade do material que Guimarães Rosa elaborou. Inicio por algo que tem a ver, a rigor, com um aspecto próximo do final dos escritos, em termos cronológicos.

Há um elemento que impressiona muito na leitura do "Diário", que é uma acentuação crescente do risco de o próprio escritor ser atingido pelos ataques. A culminância ocorre em maio de 1941.

18. Maio (Domingo) = Na noite de $18 \rightarrow 19$ = alarme, ataque aéreo.

Bombas. Uma "lanterna" (corpo iluminante) caiu, ao lado da minha casa. Assustei-me, esperando bombas!

Nessa passagem, o escritor manifesta a possibilidade de que bombas chegassem diretamente à sua moradia. Isso não seria surpreendente, considerando o ataque ao Consulado Brasileiro, apenas uma semana antes.

11.V.1941 (Domingo) – Hoje, às 7 da manhã, acordou-me o telefone. Era o Cônsul Geral – o Consulado havia sido atingido por uma bomba. Eu levantei, estremunhado e com dor de cabeça, porque só tinha dormido 3 horas e pouco.

O Cônsul Geral veio apanhar-me, com a Buik. Fomos. Terrível, o estado de nosso pobre Consulado!...

Cabe observar que, no ano anterior, um registro já indicava uma tensão junto à casa.

16.XI.1940. O tiroteio está brabíssimo hoje também. Já explodiram bombas! As portas e janelas da minha casa batem, golpeiam.

As informações de Rosa, incluindo uma nota da imprensa sobre o que ocorreu no Consulado, não permitem concluir de modo suficiente se havia interesse militar e político em atacar o Consulado Brasileiro; e qual seria a opinião do escritor a respeito desse tema. Fica claro, pela sucessão de elementos, que em maio de 1941 a guerra não era apenas um processo coletivo à volta do escritor, mas tinha se inscrito em sua vida privada, nas fronteiras do espaço da sua casa.

Os ataques ali referidos, que poderiam matar Rosa, não eram ataques por parte de nazistas, mas os bombardeios militares ingleses sobre Hamburgo, descritos sucessivamente no "Diário". Se há um problema de insegurança, de tensão com a violência, ele não se restringe ao horror nazista, ele se estende aos ingleses. Rosa não idealiza nenhum lado no confronto. Observe-se a proximidade quase especular entre as notícias de ataque de um grupo contra o outro, nesta anotação do escritor.

26.8.1940 Os jornais dão que os ingleses sobrevoaram Berlim, jogando bombas incendiárias e *Flugblätter*. Dão também que Londres continua sendo bombardeada, pelos *Stukas*.

Isso coloca a perspectiva de elaboração do "Diário" em um ponto a que vou chamar, ao menos provisoriamente, para os fins deste trabalho, de antagonismo constitutivo. Trata-se de uma situação em que, a rigor, não há forças históricas próximas destituídas de violência. Isso torna a imagem da realidade externa, considerada de modo amplo, uma imagem perturbadora, em que as perspectivas não são confiáveis, e o tempo pode trazer dificuldades crescentes.

A imagem do escritor com insônia configura uma espécie de emblema nuclear desse lugar instável e vulnerável a partir do qual se pensa o tempo:

3.V.1941.

Para amanhecer hoje, houve um grande alarme e tiroteios. Fiquei na cama, entre o sono e a vigília.

A existência de sirenes gera um comportamento de ansiedade, em função da sujeição ao impacto dos sons.

15.III.1941 – De ontem para hoje não houve alarme. Pude dormir e recuperar os nervos. Até às 12,30, dormi, vestido, no sofá, esperando as sirenes.

A atitude contemplativa do escritor diante dos bombardeios sobre Hamburgo é meticulosa. Para além de recortes de jornal, o próprio texto do escritor, principalmente, é um campo de elaboração do processo de visualização do que ocorre com o espaço. Por exemplo, há esta nota sobre um momento em que Rosa foi verificar casas destruídas por bombardeio.

12.IX.40 -

Ontem houve Grossangriff, às 11 da noite. Chuva de bombas. Fui, com Ara, ver as casas destruídas, na Sierichstrasse e Mühlenkampf. Em Harburg, foi feio, tendo sido atingido um Bunker.

Há outra passagem similar:

17.V.1940 Fui, com Ara, a Harburg e à *Repperbahn*, para ver os estragos das bombas e da *Flak*.

As cerejeiras floridas – flores alvas, em toalhas e véus. E as velas brancas das castanheiras.

Vimos a caserna; o buraco da bomba, na praça. A árvore parcialmente descascada; etc., etc. Mas não vimos a (fábrica) de óleo. As casas destruídas. Os caminhões, com soldados, evacuando os moradores vizinhos.

Em 20.8.1940, Rosa cola um recorte de jornal com o seguinte texto:

LONDRES, 2 (United Press) – Urgente – Afirma-se nos circuitos autorizados desta capital que Hamburgo está completamente em ruínas.

E observa: "Assim escrevem os jornais brasileiros." Em termos cronológicos, a leitura do conjunto permite acompanhar a mudança de uma cidade tomada gradativamente pela precariedade, em razão do impacto dos confrontos. Duas palavras são marcadas pela reiteração constante no texto, "alarme" e "tiroteio". Há entradas dedicadas basicamente a indicar ocorrência de um tiroteio ou disparo de um alarme.

Por exemplo:

5.VIII.1940 – Alarme a 0,10'! 8.VIII.1940 – Alarme às 11,45'! 10.VIII.1940 – Alarme às 12,55'!

Em termos contrastivos, no conjunto do texto, chama a atenção que o que pode marcar a singularidade de um dia é um alarme. O mês de outubro de 1940 é marcado por uma sucessão de indicações de alarme, como segue:

7.X.1940 – Dois alarmes; às 9,50 da noite e cerca de 12 e tanto (meia noite); houve tiros até cerca de 4 e 30 da madrugada. Parece que os ingleses só passaram para Berlim, onde a coisa esteve braba!

10.X.1940 - Alarme = 9,40.

Outra vez alarme: 12,05 depois da 2º Entwarnung, ainda houve tiroteio brabo, que durou até quase a madrugada.

(ataque duro!)

13.X.1940 – Alarme, às 12,30.

Ontem chegou ao Consulado a comunicação de que não receberemos mais gasolina.

14.X.1940 – Alarme, às 9,40.

Noite clara. Clarões. Nenhum holofote.

Tiroteio brabo.

Entwarnung.

Alarme, outra vez = \grave{a} 1,30.

15.X.1940 – Alarme, às 9,40.

2° Alarme, às 12,30.

16.X.1940 – Alarme, às 9,55.

O "Diário" se converte, nesse trecho, em espaço de registro obsessivo de uma sequência de alarmes. Como escolha de elaboração textual, por parte do escritor, é espantoso, tendo em vista a capacidade de variação temática encontrada na maior parte do volume. Há aqui algo que corresponde, sem dúvida, a um fenômeno próximo do unheimlich freudiano. O alarme se torna uma espécie de elemento rotineiro das vivências do escritor, mas ao mesmo tempo é um sinal que precisa ser destacado pelo registro, com um espaço mínimo dedicado a outros assuntos (o Consulado, a gasolina, a noite). O alarme ganha uma função conotativa fundamental.

Ele é um elemento antagônico. O alarme é algo cujo sentido de uso prático em princípio é óbvio, como mecanismo de controle social. Ao mesmo tempo, com sua repetição vertiginosa, em horários variados, provocando no escritor um efeito de absorção, e por fim, de regressão de linguagem à reiteração, o alarme se torna uma espécie de instrumento agressivo, atuando como um mecanismo de tortura, um buraco negro do pensamento, que se obriga a recuar diante da escuta, por insegurança e vulnerabilidade.

Conforme Eneida Maria de Souza, o "Diário" consiste em

um texto que ultrapassa e metaforiza os acontecimentos, sem contudo recalcar o valor documental e o estatuto da experiência que aí se inscrevem. O procedimento criativo se sustenta por meio do ritmo ambivalente produzido pela proximidade e pela distância em relação ao fato.⁵

⁵ SOUZA. Rosa entre duas margens, p. 13.

Não temos dúvida de que alarmes eram reais e atormentavam Rosa. Examinando a construção textual, quando os alarmes se convertem em uma construção reiterativa do campo verbal, eles se caracterizam como uma metonímia de um amplo campo de acontecimentos — um contexto histórico pautado pela destruição, condicionado pela violência constante.

É através do movimento da contemplação que podemos acompanhar a trajetória de transformações mais delicadas do processo. O texto permite refletir sobre as marcas da história com a leitura de suas imagens da natureza.

A natureza vai mudando gradativamente com a guerra. Em 18.12.1939, Rosa descreve a noite assim:

À noite, saí do Consulado: a mesma escuridão de sempre – *Verdunkelung*. Céu azulado, com estrelas. Cá em baixo, a treva, e uma névoa fantasmagórica dissolvida na treva. Luzes há, pequeninas errantes, rápidas, irreais, como vaga-lumes.

Há uma relação importante entre escuridão e luz. Acima, as estrelas; à frente, luzes "errantes", uma névoa "fantasmagórica". Há na caracterização da paisagem um elemento inquietante. No mesmo dia temos o anúncio de violência, neste caso, contra a Inglaterra – "34 aviões ingleses derrubados".

Em 25.2.1940, a paisagem inquietante se cruza com aviões, instâncias que antes estavam separadas.

Crepúsculo de cores estranhas, tintas espessas; acima das casas, o céu tinha uma barra mais escura, parecendo que as casas mandavam sombra para cima. Depois a massa negravioleta-rosa, no céu. No Alster, alguns marrecos sobre o espelho, como nas lagoas falsas de certos presépios. Depois, acima, o céu azul, onde duas estrelas brilhavam, sozinhas. Havia exercícios de aviões, com holofotes.

A subversão da natureza, com as casas fazendo sombra ao avesso, mandando "sombra para cima", é articulada com a presença militar. As luzes das estrelas vão se aproximar das luzes dos holofotes, e com isso a contemplação da natureza ganha uma espécie de conexão incontornável com a percepção da guerra. O olho que observa as estrelas observa também os aviões. Na citação seguinte, os aviões se inscrevem no céu de modo que perturbam a ordem do espaço:

2.III.1940 (sábado) – Hoje, ao sair da casa do C. Geral, às 10 e meia, vi os holofotes. Céu estrelado. Noite escura na terra e clara no céu. Dois holofotes imóveis – cones cruzados. E um terceiro, pendulando num ângulo invariável, corria, para lá e para cá, batendo meio céu e desrespeitando uma porção de constelações. Os aviões ingleses têm vindo a Berlim todos estes 4 dias.

(Um avião foi alvejado – ou colhido pelo refletor (holofote) justamente a dois milímetros da á do Centauro, entre a Ursa-Menor e o galho mais alto (a copa) do olmo de defronte minha casa – M%)

Dois elementos são fundamentais nessa passagem. O desrespeito às constelações, que propõe o movimento do avião militar como estranho à natureza, inconsistente com aquilo que deveria estar sendo contemplado. E a posição atribuída ao alvo de combate: entre a constelação, figura do espaço sideral, e o galho do olmo defronte a casa do

escritor. O parágrafo inclui em um único movimento de percepção o público e o privado, a casa e o cosmos, as luzes das estrelas e a luz do holofote. A antítese "Noite escura na terra e clara no céu" acentua a importância, no "Diário", das categorias ligadas a escuridão e claridade, sombra e luz. A suspensão das escalas habituais de percepção, montando a frase de modo a aproximar avião, constelação e olmo, é uma indicação de quebra de pressupostos realistas ou documentais no modo de configurar o que ocorreu; e ultrapassa isso.

Trata-se de um gesto em que a atitude estética integra a posição contemplativa, com o fim de associar a percepção da guerra a uma desmedida, ou um deslocamento de parâmetros da natureza, e ao estabelecimento de escalas próprias dos tempos de guerra para o trabalho do olho. Como se tivessem sido constituídas as circunstâncias para que "a fatalidade se transforme em continuidade, o acaso em destino". 6 Considerem-se os seguintes trechos:

30 de Maio de 1940. 12 horas e 20. Estou trabalhando, corrigindo o último trecho do "O burrinho pedrês". Mugiram as sirenes. Alarme!

10 minutos para 1 hora – (Três) Quatro estampidos surdos, subterrâneos. Bombas? Mais bombas, perto, sempre mais perto.

Noite de 17 para 18 de Junho – A 1 hora da madrugada – Alarma, ataque aéreo, bombas. Flak – às vezes como se o ar e o céu fossem lago imenso, onde um peixe grande desse pulos. Pulos de um peixe enorme, n'água mansa. Outras vezes, o espouco de uma garrafa a desarrolhar-se. Outras, como drapejos de pano pando, de bandeira ao vento.

Na anotação de 30 de maio, encontramos um cruzamento entre o processo criativo e o impacto da guerra. O escritor, revisando O burrinho pedrês, é impactado pelo alarme. Antecipando o que viria a ocorrer no consulado e junto a sua casa, percebe bombas "sempre mais perto". E em 17 para 18 de junho enuncia uma imagem da natureza em movimento. Lago "imenso", peixe "grande", peixe "enorme": a reiteração de elementos de aumentativo se associa à sensibilidade para o impacto do ocorrido.

Posteriormente, aparecem imagens próximas, mas o cruzamento de elementos é de outro modo:

(19.VI.1940) – Estou escrevendo na cama, ao som dos estampidos da Flak. Alguns são tétricos: como socos retumbantes, dados por punhos enormes no bojo elástico do ar alto. Outros ribombam festivos. Uns tocam bombo ou tambor. Antes-de-ontem estão dizendo que caiu uma bomba no Alster (...) Houve peixes mortos, galhos de árvores arrancados, vidraças partidas. Eu penso que foi da *Flak*.

Há uma continuidade com relação à passagem anterior — a tentativa de elaborar imageticamente sons de estrondos de bombas. No entanto, agora, com diferente intensidade, temos socos de punhos enormes, imagens de violência corporal. E o peixe, que antes aparecia em pulos em um lago, reaparece sob nova condição, no plural, mas morto. A árvore aqui não é o olmo articulado com a constelação, aparece no plural, mas tem os galhos arrancados. As imagens da natureza passam por um processo de reconfiguração.

⁶ MIRANDA. As fronteiras internas da nação, p. 419.

25.X.1940 – O ataque de ontem à noite foi o mais sério e terrível de quantos houve até hoje. Das 9 e 30 às 3,30, e depois das 4 e tanto até às 6 da manhã. Sempre com tiros e bombas tremendas. Parece que se inaugurou para nós uma nova fase da guerra aérea. Será que começou mesmo o fim do mundo?! O trovão das bombas se repetia, infernal.

A imagem do "trovão", distante do peixe pulando no lago mas próxima do punho que soca, caracteriza o som insistente do bombardeio. Como marcam as reiterações de "alarme" e "tiroteio", em larga medida o texto está ligado a percepções auditivas, e a uma tentativa de articular um universo sonoro agressivo em um campo verbal relativamente dotado de sentido. Nesse parágrafo, a presença da aliteração de "t" (em modos surdo e sonoro) ajuda a intensificar o senso de inquietação da percepção.

A hipérbole da abertura do parágrafo está em tom grave – o ataque "mais sério e terrível" – e a hipótese apocalíptica emerge como uma irrupção calamitosa, com pontuação incomum. "Será que começou mesmo o fim do mundo?!" A intervenção de uma imagem religiosa serviria para atribuir sentido a algo que parece não ter sentido nenhum. Sigo aqui a reflexão de Frank Lestringant sobre a função do imaginário apocalíptico na Europa. O ponto é que há um grau de violência tão extremo à volta, na cidade de Hamburgo, e é preciso encontrar uma maneira de encará-la, sob o risco de talvez simplesmente sucumbir.

Em 14.II.1941, Rosa faz uma observação sobre as perspectivas diante da guerra: "Todo-o-mundo espera terríveis ataques, talvez já para o mês que vem. E a América? Continua intervindoura." Não há, de sua parte, adesão franca a nenhum lado. Caberiam as perguntas: quem, para Rosa, viria exatamente a ler esse "Diário"? Seria uma escrita voltada para si mesmo? Em caso de ele vir a se tornar objeto de especulação sobre sua posição política, qual expectativa ele criava sobre o resultado dessa especulação? Internamente, o "Diário" não responde diretamente essas questões de modo conclusivo.

Retomando ainda um pouco as imagens da natureza, cabe comentar este trecho:

16.X.1940. Colunas curvas, de leite = holofotes: E piscam, instantâneas, efêmeras estrelinhas alaranjadas, no alto do céu. Há também, impassíveis, as estrelas de verdade...

Em 18.12.1939, havia "a mesma escuridão de sempre", uma natureza habitual para os costumes da percepção, ordenada em sua distribuição de escuridão e luz, mas já com sua proporção de fantasmagoria. Em 25.2.1940, um crepúsculo estranho trazia a exposição inesperada de sombras avessas, e apareciam os holofotes.

Ali ficava ostensivo o problema de que o olho que contemplava satisfeito o céu também perceberia os movimentos táticos de combate. Era o mesmo olho, e isso poderia ocorrer, frequentemente, em um mesmo movimento ocular. A partir de então, no "Diário", isso se constitui como um problema de âmbito verbal. O que o olho não consegue separar, a manifestação verbal também não dissocia. O avião vai estragar a constelação.

O problema perceptivo ganha maior atenção em 2.3.1940, com a delimitação do ângulo do alvo, entre a Ursa-Menor e o galho do olmo em frente à casa, determinando que o mesmo olho é obrigado a encarar em um único gesto perceptivo a guerra, o universo e o espaço do próprio sujeito.

⁷ LESTRINGANT. O conquistador e o fim dos tempos.

Com isso, não surpreende que as imagens da natureza passem a metaforizar, em 4.6.1940, efeitos de impacto de bombas, no caso de pulos de um peixe na água. A natureza foi tomada pela guerra: a paisagem foi tomada pela guerra; o olho de quem escreve foi tomado pela guerra. O olho acompanha a cadaverização, a aniquilação generalizada, com o deslocamento em 19.6.1940 de imagens anteriormente mencionadas, como o peixe e a árvore – "Houve peixes mortos, galhos de árvores arrancados, vidraças partidas."

O texto de Rosa apresenta, ao longo de sua elaboração, processos destrutivos, entre eles: a destruição da cidade de Hamburgo, suas casas transformadas em ruínas; a aniquilação de elementos da natureza, árvores, os peixes mortos; a explosão do Consulado do Brasil; a morte de muitas pessoas, incluindo crianças.

Se o diário for considerado um gênero dedicado a processos de constituição do sujeito, em que o eu tenta elaborar a si mesmo, este é um caso em que o eu tem que tentar se constituir processualmente em meio à violência e à destruição generalizada. Com os tiroteios sucessivos, e os alarmes reiterados.

Nos termos de Marques, trata-se, ao lidar com a análise de traços materiais da memória, de dar atenção a "complexos processos de subjetivação".⁸ Nesses processos, estão envolvidos elementos do cotidiano e também, seguindo a reflexão de Eneida Maria de Souza, distantes de referências imediatas.⁹

A interpretação do texto tem de levar em conta, na perspectiva aqui adotada, um conjunto de ambiguidades e indeterminações. Há uma ambiguidade constitutiva primária, que consiste na diferença entre a leitura proposta pelo conjunto do "Diário", estabelecendo uma expectativa de unidade, e a consideração de sua múltipla diversidade interna. Existe uma indeterminação, considerando o fato de que ele teria sido escrito em um dia após o outro, de modo a reunir muitos tipos de materiais e de maneira fragmentária, entre a percepção do "Diário" como um plano e como resultado de um conjunto de atividades deliberadas ao acaso.

O texto apresenta um campo de suspensão fundamental no que se refere à localização de seu lugar de enunciação dentro do confronto em andamento: assim como há momentos de crítica a elementos do regime nazista, há indicações de contrariedade ao impacto terrível da violência inglesa sobre Hamburgo.

Em meio a um campo de destruição intensa, há algo que precisa ser construído. O "Diário", ele próprio. E com ele, o sujeito, a linguagem. O "Diário" é evidência, por sua existência, de uma valorização, por parte de Rosa, do trabalho da enunciação, a insistência em não calar, em continuar escrevendo mesmo num ambiente extremamente hostil à comunicação.

Se os alarmes que o escritor escuta são neuroticamente repetitivos, os fragmentos de Rosa são muito diversificados, como mostra a citação de Reinaldo Marques no início deste trabalho. Neste embate entre a mesmice mecânica intolerável do som controlador e a fragmentação com variações múltiplas do material escrito, a própria materialidade do "Diário", a sua escolha em não acatar o silêncio, é uma resistência contra a violência.

⁸ MARQUES. Grafias de coisas, grafias de vida, p. 339.

⁹ SOUZA. Rosa entre duas margens, p. 14.

Não é pouco o fato de que o "Diário" inclui uma referência direta à bomba ao lado de casa, além da destruição do Consulado. Isso indica que Rosa vivenciou risco de morte. O "Diário" configura, do seu início ao seu fim, uma imagem de Guimarães Rosa. Não é uma imagem linear, nem coesa ou previsível. O processo de constituição do sujeito se dá de modo negativo, com lacunas, com o acompanhamento cauteloso e minucioso daquilo que é arruinado, destruído. É no risco de morte que se delimita, como na tensão entre escuridão e luz, a condição de entendimento das possibilidades de atribuição de sentido ao que Rosa consegue preservar, em sua sobrevivência em território de guerra.

A constituição do sujeito se processa, no "Diário", em meio aos fragmentos, contra a uniformidade monolítica dos alarmes, contra o nazismo e contra os bombardeios ingleses. A sobrevivência, associada a uma melancolia ligada à destruição da cidade e às perdas humanas, atua como condição determinante.

Se a situação de interesse fosse a do militar Roberto Pessoa Ramos, o diário de guerra poderia ser avaliado como um gênero escolhido para conduzir a uma imagem de plenitude de seu autor. Incorporando traços de épica, narrativa de formação, história em quadrinhos, manual de viagem e álbum de memórias, o diário se tornaria espaço afirmativo, e a guerra condição para destacar seu autor em meio à pressuposta mediania ou fragilidade geral dos seres humanos à sua volta.

A "diversidade de registros e escritas" caracterizada por Reinaldo Marques se opõe a essa utilização da guerra com fins de autopromoção arrogante. Pelo contrário, no caso de Guimarães Rosa, a pergunta sobre que sujeito se constitui no processo exposto no "Diário" não tem resposta fácil ou imediata. Essa diversidade, de fato, contribui muito para que o texto corresponda, de modo particularmente exemplar, para motivar a percepção de que não há amarrações, em partes ou no todo, de efeito conciliatório e conclusivo. Os conflitos tramados dentro do texto não se harmonizam. Ao explicar como avalia a arte moderna, Adorno afirma que "os antagonismos não resolvidos da realidade retornam às obras de arte como os problemas imanentes de sua forma".¹⁰

De fato, é notável a diferença entre o diário de guerra do militar Roberto Pessoa Ramos e o volume de João Guimarães Rosa, embora escritos em períodos muito próximos, e sobre a mesma guerra. Se for pedido que alguém faça do primeiro um resumo, uma sinopse centrada em um enredo, não terá a menor dificuldade para a tarefa. Quanto ao segundo, não sei por onde iniciaria a definir suas prioridades. Creio ser viável generalizar que, do ponto de vista de um militar, em situação de orgulho de seus feitos bélicos, a capacidade de síntese formal é uma habilidade esperada, na construção da unidade discursiva, pois todos os elementos contribuem para uma perspectiva articulada para um objetivo comum.

Nessa guerra, embora profissionalmente Rosa tenha de responder a interesses do Consulado, e portanto às escolhas ideológicas do governo brasileiro, como ser humano, dotado de afetos, memória, escritor e intelectual, suas percepções eram tensas e não coincidiam necessariamente com as de nenhum governo.

¹⁰ ADORNO. Teoria estética, p. 16.

Para Georg Otte, há, por parte de Rosa, uma relação ambivalente com a própria Alemanha, com relação a cujos valores Rosa tinha previamente um conceito muito alto, o que foi modificado a partir de sua percepção do nazismo.¹¹

Em diversos casos, fragmentos dentro do texto lançam a percepção do leitor em um confronto "com uma forma remanescente, uma espécie de aparição fantasmal". Os elementos não aparecem ali em sua completude, mas como resíduos, metonímias vagas e incertas, restos em um campo de ruínas. Nos termos de Wander Melo Miranda, "a violência constitui-se como limite, para não dizer obstáculo, das articulações culturais que tornariam factível a emergência de novas identidades e sua força de atuação no espaço social". Em caso de tiroteio persistente, e alarme constante, isso é difícil de contornar. Seguindo ideias de Theodor Adorno, esse "Diário" não poderia admitir uma forma com síntese, mas uma forma capaz de manter-se "habilmente aberta", a em que forma e crítica convergem.



ABSTRACT

Guimarães Rosa's Diary, still not published, has information about the period when he was in Hamburg, in World War II. This article, as part of post-doctoral studies, developed at UFMG, examines some of its elements, considering the Nazi government.

KEYWORDS

Diary, war, violence, Guimarães Rosa

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ____. Sociologia. São Paulo: Ática, 1986. p. 167-187.

ADORNO, Theodor. Teoria estética. Lisboa: Martins Fontes, 1988.

LESTRINGANT, Frank. O conquistador e o fim dos tempos. In: VÁRIOS. *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 412-422.

MARQUES, Reinaldo. Grafias de coisas, grafias de vida. In: MARQUES, Reinaldo; SOUZA, Eneida Maria (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 327-350.

MIRANDA, Wander Melo. As fronteiras internas da nação. In: ____. Cânones e contextos. Rio de Janeiro: ABRALIC, 1997. p. 417-424. v. 1

¹¹ OTTE. O "Diário alemão", p. 289.

¹² MIRANDA. Cenas urbanas. A violência como forma, p. 182.

¹³ ADORNO. Teoria estética, p. 169.

MIRANDA, Wander Melo. Cenas urbanas. A violência como forma. In: BIGNOTTO, Newton (Org.). *Pensar a república*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 179-190.

OTTE, Georg. O "Diário alemão" de João Guimarães Rosa. Veredas de Rosa II. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

RAMOS, Roberto Pessoa. Diário de Guerra de um piloto de caça. Documento da Força Aérea Brasileira. Disponível em: http://www.gentteficaz.com.br/diario.pdf. Acesso em: 20 fev. 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. Rosa entre duas margens. *Margens/Márgenes*, Belo Horizonte/Buenos Aires, jul. 2002.

SOUZA, Eneida Maria; OTTE, Georg; MARQUES, Reinaldo Martiniano (Org.). Diário de Guerra de João Guimarães Rosa. Documento do Acervo de Escritores Mineiros da Universidade Federal de Minas Gerais. Consultado com autorização dos organizadores. Transcrição e tradução de trechos em alemão de Georg Otte.